

## **HISTÓRIA DO ENSINO RURAL NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA-MG (1950 A 1979): OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS.**

## **HISTORY OF RURAL EDUCATION IN UBERLÂNDIA-MG (1950-1979): THE SUBJECTS AND THEIR PRACTICES.**

SILVANA DE JESUS GONÇALVES<sup>1</sup>, SANDRA CRISTINA FAGUNDES DE LIMA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta os resultados da pesquisa realizada no projeto PIBIC/FAPEMIG (Processo: HUM 048, vigência: 2010/2011) "História do ensino rural no município de Uberlândia – MG (1950 a 1979): sujeitos e suas práticas". Os nossos objetivos foram: buscar memórias e histórias construídas por alunos que vivenciaram o ensino no meio rural; verificar a importância atribuída por eles ao processo de escolarização e à escola rural frequentada; compreender as condições de funcionamento dessa modalidade de educação no nosso município. Para atingir esses objetivos, entrevistamos sete ex-alunos da escola rural, consultamos fotografias e três cadernos escolares. Analisamos os dados a partir das seguintes categorias: Perfil, Tempos e Espaços Escolares, Práticas, Cultura Material, Relacionamentos, Sociabilidade e Significados da Escola. Constatamos que a maioria dos ex-alunos era filho de pequenos proprietários rurais e enfrentou muitas dificuldades para concluir o ensino primário devido, por exemplo, a necessidade de conciliar escola com o trabalho, a ausência de meios de transporte, as mudanças de professores e o esforço para aprender em salas multisseriadas. Apesar disso, os entrevistados também recordaram com saudades e gratidão as brincadeiras que aconteciam no trajeto para escola e os conhecimentos adquiridos.

**Palavras-chave:** História do Ensino Rural. História da Educação. História da Escola Rural. Alunos. Memórias.

**Abstract:** This paper presents the results of a research conducted for the project PIBIC/FAPEMIG (Process: HUM 048 - 2010/2011) "History of rural education in Uberlândia-MG (1950-1979): the subjects and their practices." Our objectives were: to recover memories and stories of students who experienced schooling in rural areas; to verify the importance they attributed to the process of schooling and the rural school they attended; to understand the working conditions of that type of education in our community. In order to achieve these objectives, we have interviewed seven former students of a rural school, and studied some pictures and notebooks. Data were analyzed within the following categories: Profile, Times and School Environment, Practices, Material Culture, Relationships, Sociability, and School Meanings. We have found that most former students are small farmers' children; have faced many difficulties to complete primary education because they needed to balance school with work, with lack of transportation, teachers changes and the effort to learn in multigrade classrooms. Despite that, respondents also recalled with nostalgia and gratitude the play on the way to school and the acquired knowledge.

**Keywords:** Rural Teaching History. Education History. Rural School History. Students. Memories.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

## 1. INTRODUÇÃO

O nosso interesse pelo tema relativo à história da escola rural decorre de aspectos relacionados a pesquisas que temos realizado (LIMA, 2008; LIMA, 2009), bem como às discussões ocorridas no interior do GPHER – Grupo de Pesquisas em História do Ensino Rural. Constatamos que no Brasil até o final dos anos de 1950 e princípio de 1960 eram nas instituições de ensino rural que mais de 60% dos brasileiros se alfabetizavam, uma vez que trabalhavam e residiam no meio rural, no entanto a manutenção das escolas rurais e a escrita de sua história ficaram relegadas a um segundo plano. Nesse sentido, o interesse pela temática em foco decorre de um lado da contradição entre a importância desempenhada pela escola rural, quando a maioria da população habitava o campo e nele se escolarizava, e a carência de recursos a ela destinados; de outro, do inexpressivo número de trabalhos acadêmicos sobre essa modalidade de educação em nossa região.

Partindo desta questão, este artigo discute os resultados obtidos na pesquisa “História do Ensino Rural no município de Uberlândia–MG (1950 a 1979): os sujeitos e suas práticas”<sup>1</sup>, cujo objetivo geral consistiu em conhecer e buscar histórias e memórias dos alunos que frequentaram a escola rural no período de 1950 a 1979 para apreender as memórias, indícios e objetos que permitem contar e construir aspectos da história da cultura escolar na zona rural do nosso município. Partindo daí, os nossos objetivos específicos foram: a) conhecer o perfil dos alunos das escolas rurais; b) compreender as condições de funcionamento dessa modalidade de educação no nosso município no que concerne à organização dos tempos e espaços escolares; c) buscar as práticas escolares e os vestígios da cultura material escolar; d) apreender os relacionamentos e as sociabilidades construídas; e) verificar os significados atribuídos pelos alunos ao processo de escolarização e à escola rural que frequentaram.

O recorte cronológico incidiu sobre a necessidade de apreender a história do ensino rural em Uberlândia a partir do ponto em que havíamos encerrado pesquisas anteriores (LIMA, 2008; LIMA, 2009) e estender até o final dos anos de 1970, quando começaram a ocorrer mudanças significativas na organização da escola rural. Nesta década iniciou-se uma transformação na estrutura de funcionamento dos estabelecimentos rurais de ensino com o processo de nucleação, responsável pela extinção de algumas escolas e pela ampliação de outras devido à incorporação de alunos e professores daquelas.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela FAPEMIG no edital 012/2010, PIBIC/FAPEMIG/UFU, Processo: HUM 048, vigência 2010/2011.

A pesquisa também foi aprovada e financiada nos termos dos seguintes editais: PIBIC/FAPEMIG - N° do Processo: HUM 17/2009; FAPEMIG Demanda Universal 01/2010, processo SHA APQ-01160-10 e MCT/CNPq/MEC/CAPES n° 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa teórica fundamentou-se em estudos bibliográficos sobre história da educação, história do ensino rural, história oral, memória, culturas escolares e cultura material escolar, conforme se constata nas referências bibliográficas ao final. A pesquisa de campo, por sua vez, procedeu-se por meio da consulta às fotografias e cadernos escolares, assim como das entrevistas realizadas com sete ex-alunos, sete ex-professores, dois ex-inspetores e uma mãe de ex-aluno<sup>2</sup>. No entanto, conforme já esclarecido, decidimos neste texto relatar os resultados obtidos das entrevistas realizadas com os alunos que freqüentaram as escolas rurais no período proposto na pesquisa.

Segundo Pinsky (2008), entende-se por fontes históricas um conjunto de documentos dos quais o historiador pode lançar mão a partir de abordagens específicas, métodos diferentes e técnicas variadas. São fontes os recursos que colocam o pesquisador em contato com testemunhos, documentos, vestígios da cultura material e simbólica, materiais impressos ou audiovisuais, depoimentos e arquivos, de modo a serem manuseados e decifrados. No contexto de desenvolvimento dessa pesquisa consideramos como fontes históricas as sete entrevistas realizadas com ex-alunos, três cadernos cedidos por uma ex-professora e mãe de aluno, fotografias de escolas rurais depositadas no Arquivo Público de Uberlândia (ArPU) e 155 fotografias cedidas pelas pessoas entrevistadas. Fundamentando em bibliografias específicas sobre o tema, em particular na leitura de Pollak (1989), contextualizamos as memórias dos ex-alunos, expressas nas entrevistas, somadas as fotografias e cadernos cedidos pelos depoentes; além de cotejá-las com as atas, jornais e livro de registros da época encontrados no ArPU e já discriminadas por Araújo e Lima (2011).

No que concerne à questão das *entrevistas*, para a sua realização e posterior análise foi fundamental a discussão relativa à história e memória, sobre a qual nos debruçaremos a seguir. Embora se saiba a partir de Thomson (1997) que a história oral foi muito criticada, com o estabelecimento de critérios de avaliação da sua confiabilidade foi possível adotar métodos e regras de verificação da coerência e confiabilidade baseadas em documentos textuais a partir da Psicologia Social, Antropologia e Sociologia ao considerar que “o novo

---

<sup>2</sup> Para realização das entrevistas primeiramente obtivemos aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), da Universidade Federal de Uberlândia (Protocolo nº 013/10) e por exigência desse Comitê, para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes dos depoentes foram abreviados e utilizados somente suas iniciais

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

critério forneceu indicações claras e úteis sobre como interpretar as reminiscências e como combiná-las com outras fontes históricas para descobrir o que ocorrera no passado” (p.52).

Portelli (1997) e Halbwachs (2006) compreendem a história oral associando-a com a memória em perspectivas diferentes. O primeiro, a partir da memória pessoal e o segundo o concebe na perspectiva da coletividade. Assim, compreendemo-la como Portelli quando este afirma:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a história oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais (1997, p. 16).

Portelli, em suas reflexões acerca da ética na história oral, enfatiza a importância de dar voz aos excluídos e considera que “a arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir” (1997, p.22). Nesse sentido, o nosso objetivo com a história oral foi fazer com que os alunos nos contassem as suas histórias para apreendermos um pouco das memórias que cada um construiu do período em que frequentou o ensino rural.

Fundamentamos igualmente em Alberti (2008) para conduzirmos a pesquisa com fontes orais como uma ação interativa entre entrevistador e entrevistado, perpassada por uma intencionalidade pré-determinada de falar e ouvir, como possibilidade de desencadear e construir memórias, assim como documentar e interpretar o passado. Ainda considerando o mesmo autor, procuramos perceber que a pesquisa com fontes orais implica “a idéia do indivíduo como valor” (ALBERTI, 2008, p. 169). Nesse sentido, consideramos fundamental a contribuição que os nossos depoentes deram à pesquisa ao relatar histórias, memórias, fatos e práticas escolares vividas no meio rural. Por esses fatores, julgamos a entrevista como um instrumento relevante para o conhecimento das experiências dos alunos que frequentaram o ensino rural e, por conseguinte, entendemos a história oral como um importante recurso na construção e reconstrução do processo histórico.

Em suma, optamos pelas entrevistas por entendermos que esse instrumento contribuiria para o nosso trabalho de pesquisa uma vez que permitiria apreender a trajetória de vida, os significados atribuídos à escola rural e as memórias dos depoentes acerca do ensino rural no município de Uberlândia-MG.

A localização dos entrevistados ocorreu inicialmente por meio da indicação de um ex-aluno da escola rural Olhos D’Água; as demais pessoas foram buscadas por indicação dos próprios depoentes. Nesse contexto, realizamos 17 entrevistas, sendo que: sete foram

realizadas com ex-professores, sete com ex-alunos, duas com ex-inspetores e uma mãe de aluno e fundadora de escola na zona rural. Priorizamos e valorizamos todas as indicações por tratarem de pessoas que conviveram na zona rural ou ainda realizaram atividades profissionais e acadêmicas naquele meio no período previamente determinado.

Empregamos um guia de orientação, na forma de questionário, para realizarmos as entrevistas. Porém, esclarecemos que esses questionários nunca foram um roteiro rígido ao qual nos prendíamos inflexivelmente, mas apenas o ponto de partida para identificarmos os entrevistados a partir de dois aspectos, a saber: a) *Dados de Identificação*: nome, data de nascimento, profissão e endereço; b) *Memórias e Práticas da Escola Rural*: escola rural frequentada? Ano em que estudou e séries cursadas? Motivos que a (o) levaram a buscar a escola? Distância entre a residência e a escola? Como era o prédio da escola? Aproximadamente quantos alunos estudavam em sua sala? Como era o ensino? Quais as matérias (disciplinas) existiam? Havia materiais didáticos? Como era o trabalho do professor? Comente o que lembrar e julgar importante para se conhecer a história da escola rural que frequentou.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas; concluída essa fase, foram submetidas à aprovação dos entrevistados. A análise dessas entrevistas ocorreu no primeiro momento por meio da categorização em temáticas específicas de acordo com os objetivos apresentados no projeto e o conteúdo obtido após as transcrições. No segundo momento, essas categorias específicas foram resumidas em sete de caráter mais abrangente, conforme se segue: *Perfil, Tempos e Espaços Escolares, Práticas, Cultura Material, Relacionamentos, Sociabilidade e Significados da Escola*.

O procedimento para a coleta de dados junto aos entrevistados se fez nas três fases apresentadas a seguir: a) gravação das falas em áudio por meio de equipamento digital. As entrevistas foram realizadas num tempo médio que variou de dezesseis a sessenta minutos; b) transcrição fiel do áudio e submissão do conteúdo à aprovação dos entrevistados (todas as transcrições foram entregues aos entrevistados e lidas na presença deles); c) transcrição textualizada. Essa etapa foi realizada após a leitura da primeira transcrição e teve como objetivo acatar as correções sugeridas pelos entrevistados, assim como adequar o texto para a linguagem escrita. O resultado da textualização também foi apresentado aos entrevistados.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Para cada áudio, fizemos três cópias de segurança. Esse tratamento dado às entrevistas nessa primeira etapa do processo de coleta de dados teve como objetivo contribuir para a preservação dos dados, conforme o que foi proposto por Alberti: “A existência de uma cópia de segurança impede a perda irremediável do documento, pois haverá sempre a possibilidade de duplicá-la para viabilizar sua consulta” (2008, p.180).

A história oral constituiu-se em nossa pesquisa no fio condutor para a compreensão das memórias acerca das lembranças de fatos, momentos e personagens que frequentaram o ensino rural. Assim, consideramos a memória dos nossos entrevistados como um processo de elaboração dos fatos passados construídos e reconstruídos no tempo presente. Nesse sentido, Bosi contribui afirmando que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (1987, p.9).

A nossa intenção com as entrevistas consistiu em deslocar essas memórias da subjetividade dos nossos entrevistados e, com isso, buscar as contribuições das narrativas para a história do ensino rural.

Com relação à Iconografia, consultamos fotografias depositadas no Arquivo Público de Uberlândia e outras pertencentes ao acervo particular dos entrevistados (pai de aluno, aluno, professores e inspetores), que abriram seus arquivos pessoais e nos forneceram algumas relíquias de família. Nem todas as fotografias consultadas tinham identificação da escola, do ano em que foi feito o registro fotográfico e/ou do evento retratado, mas, em algumas delas, os depoentes contribuíram com informações que possibilitaram identificar pessoas, cenários, solenidades. Essas fotografias, todas em preto e branco, foram digitalizadas e arquivadas juntamente com os demais documentos obtidos pela pesquisa. As fotografias registraram os momentos de visitas de inspetores às escolas; festas realizadas em datas comemorativas, tais como o dia do índio, da pátria, primeira eucaristia, missas, formaturas e inauguração de escola; prédios escolares; alunos e professores; comunidade escolar e exposição de trabalhos manuais (LIMA, 2006).

Compreendemos as fotografias segundo Burke (2004), para quem as imagens podem ser vistas como “evidência histórica”, pois que fornecem indícios do passado histórico a ser

interpretado no presente. Também estamos de acordo com o autor sobre a relevância do uso de imagens como processo de construção da cultura material. A esse propósito, ele afirma que: as “imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, suas formas de habitação, por exemplo, algumas vezes construídas com materiais que não eram destinados a durar” (BURKE, 2004, p.99). Para tanto, concebemos o emprego das fotografias conforme também a afirmação de Barros (2005, p.119): “como materialidades que indiciam práticas sociais”.

Desse modo, pretendemos nesse texto que as imagens sejam tomadas numa “perspectiva histórica e historiográfica” (PAIVA, 2004, p.33), como possibilidade de suscitar reflexões de um tempo, espaço, modos e práticas de outrora. Essa forma de ver e interpretar as imagens como indícios é o que as constitui em uma importante fonte para a história.

[...] É importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. Isso é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. [...] Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente (PAIVA, 2004, p. 19).

No que concerne aos cadernos, consultamos três que nos foram emprestados por uma de nossas entrevistadas, ex-professora e mãe de aluno. Mediante sua autorização, os cadernos foram também digitalizados e serviram como indícios das práticas escolares de alunos e professores no contexto do ensino rural no município de Uberlândia. Dois desses cadernos eram de testes e um de deveres para casa. Esse último continha na capa as figuras de uma criança brincando e no verso o mapa do Brasil em imagens coloridas. No seu interior havia atividades escritas em sua maioria a lápis e com muitas repetições de textos, alguns desenhos livres e ilustrações de carimbo, além de marcas de correção da professora a caneta. Todas essas atividades embora não tenham sido identificadas quanto à matéria/disciplina, observamos que se relacionavam à disciplina de comunicação e expressão.

Os cadernos de testes encontram-se encapados e com bastante desgaste. A doadora nos informou que os testes ali registrados eram os seus planejamentos. Em um deles havia a separação do planejamento com a nomenclatura de “avaliação” por série, estruturadas de primeira a quarta série. Já com o segundo, aquele de teste, referente à Escola Rural José Alves da Silveira em 1973, não foi possível identificar a série, apenas as disciplinas: Comunicação e Expressão, Matemática, Integração Social, Estudos Sociais e Ciências.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Interpretamos esses cadernos escolares como suportes imprescindíveis ao processo de ensino e aprendizagem e, por isso, fontes históricas que expressam o dizível e o interpretável de um contexto histórico e escolar num determinado tempo e espaço. É um instrumento revelador de uma determinada realidade que particulariza a ação do sujeito e ao mesmo tempo expressa práticas sociais da relação aluno/professor. Nesse contexto, Lopes, ao analisar o emprego do caderno como fonte para as pesquisas em história da educação, destaca que:

O caderno escolar como um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende. Os registros ali presentes assinalam um percurso da memória escolar e o tornam um documento, uma vez que é possível analisar e investigar as condições de sua produção histórica. As anotações presentes nas folhas do caderno se encontram no entremeio das atividades de ensino e aprendizagem e sua ordenação temporal registra um período letivo revelador das interações entre professor e alunos. Desse modo, cadernos escolares “falam” de práticas relativas ao discurso escolar, já que seu conteúdo apresenta um saber produzido na escola (LOPES, 2008, p. 190).

A memória presente nos cadernos, por meio dos registros, mostra como se deu o processo de ensino aprendizagem, bem como os meios, enunciados e combinações construídas para se atingir os objetivos propostos. Esses materiais evidenciam o caráter normativo pela forma em que são estruturados e utilizados quanto à sequenciação, orientação temporal e espacial, além de imprimir características singulares do sujeito aluno e a relação deste com o professor. Enfim, possibilitam mais do que o aprender a escrever, mas a constituição de memória estruturada graficamente, a concepção de ensino aprendizagem no período em que foram utilizados, além das prioridades no ensino na época, do processo de avaliação, correção, das relações estabelecidas e do desenvolvimento e visão daqueles que frequentaram o ensino rural. Enfim, compreendemos o caderno a partir de Gvirtz e Larrondo (2008, p.45) “como produto e produtor da cultura escolar, como gerador de discursos e de efeitos específicos”.

Por fim, recorremos às fontes bibliográficas para compreendermos o objeto da pesquisa. Nesse sentido, realizamos estudos sobre a história da educação buscando entender a forma como ocorreu o processo de escolarização no Brasil e prioritariamente o processo de escolarização na zona rural do município de Uberlândia entre 1950 a 1979, uma vez que os estudos realizados por Araújo e Lima (2011) indicam que nesse período existia um número relevante de pessoas residindo na zona rural.

A partir de Romanelli (1986) constatamos que a organização da educação no Brasil esteve perpassada por diversos fatores, tais como: a transformação da economia; os deslocamentos observados na cultura, sobretudo da cultura letrada e os interesses políticos,



todos atuando de forma desarmônica por volta dos anos 20. Mas, a partir da década de 1930, o ensino expandiu-se fortemente em função do crescimento demográfico e a intensificação do processo de urbanização. Porém, essa expansão do ensino resultou em deficiência quanto aos aspectos quantitativos e estruturais ocasionando, com isso, a falta de oferta suficiente de escolas, baixo rendimento do sistema escolar, discriminação social acentuada, manifestando-se em inadequação do sistema educacional de um lado e a expansão econômica e as mudanças sócio-culturais de outro, haja vista o desenvolvimento industrial pelo qual passava a sociedade brasileira que se definia em meio à defasagem do processo educacional que perdurou até meados de 1960.

Dados relatados por Romanelli (p. 74), a partir do recorte do quadro por regiões, apontaram que a evolução das taxas de urbanização por regiões no Brasil entre 1940 e 1970 apresenta o sudeste como o mais urbanizado no período, com um índice de urbanização que saltou de 39,4% em 1940 para 72,76% em 1970, conforme quadro abaixo.

#### TAXAS DE URBANIZAÇÃO - REGIÕES GEO-ECÔNICAS

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Centro-oeste	Sudeste	Sul
1940	31,2	27,8	23,4	21,5	39,4	27,7
1950	36,2	31,5	26,4	24,4	47,5	29,5
1960	45,2	37,8	34,2	35	57,3	37,6
1970	56,0	45,78	41,78	48,24	72,76	44,56

Quadro 1. Romanelli (1986, p.74)

Conforme dados gerais do processo de escolarização apresentado por Romanelli a partir do crescimento populacional do Brasil, por zona, entre 1940 e 1970, houve a predominância de elevado número de pessoas residindo na zona rural no período de 1940 a 1970.

#### CRESCIMENTO POPULACIONAL DO BRASIL, POR ZONA, ENTRE 1940 E 1970

Anos	Zona Rural		%	Zona Urbana		%	Total		Densidade
	População	Índice		População	Índice		População	Índice	
1940	28.356.163	100	69,8	12.880.182	100	31,24	41.236.315	100	4,88
1950	33.161.506	116	63,8	18.782.891	145	36,16	51.944.397	125	6,14
1960	38.987.526	137	54,9	32.004.817	248	45,09	70.992.343	172	8,39
1970	41.603.810	146	44	52.904.744	410	55,98	94.508.554	229	11,18

Quadro 2. Romanelli (1986, p.71)

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Observamos no Quadro 2 que no período de 1940 a 1970 houve um expressivo crescimento populacional que se caracterizou por coexistir um número significativo de pessoas ainda residindo na zona rural com o crescente aumento de pessoas a viver na zona urbana. Nesse contexto intensificou-se a demanda pela escolarização. Observa-se ainda que, em decorrência do aumento populacional, a defasagem do ensino no Brasil fez com que as taxas de analfabetismo oscilassem bastante no período entre 1920 e 1950 e posteriormente entre 1950 e 1960, uma vez que, nos anos anteriores, esperava-se que se soubesse “ler e escrever” e após esse período exigia-se que as pessoas fossem “capazes de ler e escrever um bilhete simples” para considerarem-se alfabetizadas.

Quanto aos dados referentes aos alunos entre sete e quatorze anos de idade não atingidos pela rede escolar em 1964, observa-se a partir do Quadro 3 que os números foram superiores na zona rural.

#### **POPULAÇÃO EM IDADE ESCOLAR QUE NÃO FREQUENTA ESCOLA EM 1964**

<b>Idades</b>	<b>Zona Urbana</b>	<b>%</b>	<b>Zona Rural</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
7 a 11 anos	756.143	24,96	2.392.990	75,03	3.189.133
12 a 14 anos	406.310	26,92	1.102.986	73,07	1.509.296
Total	1.202.453	25,59	3.495.776	74,4	4.698.429

**Quadro 3.** Romanelli (1986, p.83)

Segundo os dados do Quadro 3 e as análises de Romanelli (1986) pode-se afirmar que a menor procura pela educação na zona rural ocorre em função das motivações agrárias processadas no setor primário da economia, o qual necessitava de uma qualificação mínima para o trabalho. Além disso, “as desigualdades mantidas pelo sistema sócio-econômico” atuam de forma que “a escola transforma-se em privilégio das cidades e das regiões mais desenvolvidas” (ROMANELLI, 1986, p. 102).

Mediante os dados demográficos, culturais e os aspectos da defasagem indicados na educação na zona rural neste relatório e, em relatórios anteriores de Araújo e Lima (2011), pretendemos neste texto enfatizar a memória da escola e do ensino por meio daqueles que a freqüentaram e das suas reminiscências, buscando cotejá-las com os materiais da cultura escolar e da cultura material escolar por meio de seus artefatos ou e seus materiais escolares.

[...] o termo de materiais escolares para designar o conjunto dos artefatos materiais escolares para o funcionamento das escolas envolvendo mobiliários e acessórios, infra-estrutura do prédio escolar, equipamentos e utensílios destinados ao ensino das matérias como cartilhas, livros de leitura,

mapas, globos, laboratórios de física e química e outros (SOUZA, 2007, p.169).

A importância desses artefatos para a construção e reconstrução da história do ensino rural contribuiu para aprofundar a compreensão da história oral, e por meio deles também se constatou a sua importância para a história. Segundo Souza (2007, p. 165), os estudos sobre a cultura material escolar são importantes porque os materiais escolares “veiculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar”.

Compreendemos que as memórias combinadas com as imagens e com todos os artefatos da cultura material escolar cedidos pelos entrevistados e perscrutados com a pesquisa constituem em fontes históricas que possibilitam leituras diversas do processo de escolarização na zona rural no município de Uberlândia.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já informado, analisamos os dados obtidos pela pesquisa a partir de sete categorias de análise, às quais apresentaremos a seguir. Com relação ao *Perfil dos Alunos*, os entrevistados contam hoje com idades que variam entre 56 e 62 anos. Quanto à origem social, a maioria era filho de pequenos proprietários rurais desprovidos de recursos. Atualmente, quatro desses ex-alunos exercem a profissão do lar, um é comerciante, um é agente de serviços gerais e outra não informou a função que exerce atualmente. Quatro deles residem na zona urbana e três na zona rural.

Observamos que as razões apontadas por eles para o ingresso na escola foi decorrente da atitude dos pais. Segundo um entrevistado, “Uai! Quem forçava... os pais que forçava você ir pra escola, porque por conta da gente, (...) parece que não ia não” (DCC, 2011, p.7) e também por residirem nas proximidades da escola: “Era porque meus pais tinham fazenda, a gente morava lá perto” (VFM, 2011, p.3).

Constatamos que apenas dois desses alunos concluíram o segundo grau denominado na época colegial, um na modalidade normal e o outro na área de técnico em contabilidade. Os demais pararam no ensino primário e no ginásio completo e incompleto. Um dos aspectos para a pouca escolarização foi assim justificado: “Nós fomos para os Olhos D'Água. Matriculamos... porque a escola acabou nessa época, porque os alunos foram diminuindo”

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

(AES, 2011 p.3). Outro aspecto marcante para a não continuidade com os estudos pode ser percebido na fala de DAC quando afirma que: “em casa mesmo nós trabalhávamos, socávamos arroz na mão, chegávamos da escola tínhamos que socar arroz, e eu trabalhei muitos anos na fazenda lá também, perto de casa” (2011, p.11). Além dela, mais dois desses alunos informaram que exerciam trabalhos domésticos. Outros motivos apresentados para não continuarem os estudos consistiram na alegação de doença; desinteresse em residir na cidade, onde estavam as escolas do ginásio, ou mesmo impedimento de alguns pais que não permitiam a mudança para a cidade, como é o caso da aluna ERC (2011, p.2), “Eu gostava muito de estudar para ser sincera. Eu não vim para cá [Uberlândia] estudar porque meus pais não deixavam morar com os outros”.

Além dessas alegações, a interrupção dos estudos teria ocorrido em virtude de outras razões. Uma dessas, por exemplo, é citada por FMRP (2011, p.2) “a gente achava a escola longe para ir a pé, é era em trieiro nos pastos. Era! A gente ia a pé, e como se diz, toda criançada juntava”. Além disso, muitos alunos iam à escola, distante de suas casas, embaixo de chuva, em meio ao barro e sob calor forte nos dias ensolarados. Enfrentavam também problemas com a falta de estrutura de saneamento básico, necessário à qualidade de vida, conforme se verifica no relato de DAC (2011, p.20) “Naquela época que a gente estudava nem banheiro não tinha lá. É, ia mesmo era no cerrado. Nem banheiro não existia não”. Todas essas dificuldades somaram-se ainda com a falta de calçados apropriados (ou que apenas servissem para proteger os pés) e aos parques materiais escolares.

Ao serem questionados sobre a idade em que começaram a estudar, informaram que isso teria ocorrido entre os 6 e 10 anos. De fato, a escola funcionava com alunos de idades mistas conforme se constata na entrevista a seguir e se observa no registro fotográfico da época apresentado na sequência.

[...] era assim não só menino pequenininho mais também, assim maior, estudava todos juntos, era um grupo assim, devia ser prezinho, primeiro, segundo, terceiro, parece que era até quarto ano, tudo era naquela sala. Tinha várias idades. [...] toda idade tinha na escola [...] (SFSA, 2011, p.1, 13-14).



**Figura 1.** [Fotografia: Escola Municipal Rural Usina dos Martins, tirada por Heitor- Acervo Particular cedido por ARS].

Quanto à questão de gênero, apenas dois alunos a mencionaram, um informando que a quantidade de menino e menina “era mais ou menos igual” (SFSA, 2011, p.13) e outro afirmando que existia certa resistência dos pais quando o professor era muito liberal e deixava meninos e meninas sentarem-se juntos, gerando certa rivalidade, conforme a fala de AES (2011, p. 3,5)

Teve uma implicância dos pais com essa professora [...], as próprias mulheres, as esposas dos maridos lá, porque ela era muito liberal. [...] os pais não aceitaram, porque esse negócio de sentar homem com mulher, os pais, eles criaram uma rivalidade muito grande. De descontentamento. E eles levaram, uns foi retirando e pondo nos Olhos D`Água, por isso que a escola acabou. Foi mais a cabeça naquela época. Ninguém aceitava.

Embora a questão de gênero no que diz respeito à separação dentro da sala de aula não tenha sido relatada por outros ex-alunos e nem pelas ex-professoras, observamos por meio da maioria das fotografias encontradas da época e também na figura 1 e 2 utilizadas nesse texto que os meninos e meninas não se misturavam muito. Ainda sobre essa questão, dados registrados por Araújo e Lima (2011) confirmam que havia predomínio, tanto para o ingresso quanto para a conclusão de uma maior quantidade de crianças do sexo masculino.

Sobre os *Tempos e Espaços Escolares*, a maioria dos alunos entrevistados informou que a escola ficava longe de casa “uns doze quilômetros” e a aluna FMRP (2011, p.4) descreve que “Na época, era uma estradinha no meio do cerrado, então, é..., para gente ir a pé, era muito longe, a gente achava que era muito longe”. Apenas uma aluna descreveu que era “perto”. A maioria dos ex-alunos informou que fazia o percurso para escola a pé, alguns

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

poucos iam a cavalo e outros de bicicleta. Muitos afirmaram que faziam esse percurso acompanhados, conforme informação de VFM (2011, p.3): “A pé. Ia a pé, voltava a pé. Mas era uma farra, muito bom. [...] éramos uma turma, era uns três irmãos, uns vizinhos lá, íamos tudo junto...”. Alguns ex-alunos estudaram no turno da manhã e informaram que o horário era entre 7h e 7h30min às 11h30min, porém os que estudaram a tarde não foram específicos quanto ao horário.

As escolas rurais eram freqüentadas por uma média de 30 a 70 alunos conforme a sua localização, destacando entre elas, a Escola de Olhos D`Água, onde sempre houve um número grande de crianças, conforme se verifica na afirmação de AES (2011, p.7): “Eu acredito que era mais de 50 alunos. Era muito mais, era uma média de 60 alunos, de 50 a 60 alunos que tinha. Nos Olhos D`Água tinha mais de 70 alunos, eu acho que tinha mais de 70, agora na Boa Vista era uma média de uns 40”. A propósito, seis dos nossos entrevistados estudaram nessa escola e, ao descreverem o prédio, empregaram características semelhantes. Embora o prédio dessa escola tenha sido demolido e em seu lugar construída outra escola, a fotografia e o trecho de uma das entrevistas reproduzidos a seguir constituem-se numa síntese dessas descrições.



**Figura 2.** [Fotografia: Escola Municipal Rural Olhos D`Água [s.d]- Arquivo Público de Uberlândia- MG]

Ah, era uma casinha muito simples, pequena. Tinha um córrego d`água, a gente tomava água era nesse córrego d`água... Era bem simples. [...] As portas eram de madeira, aquelas portas antigas, janelas, tudo de madeira, era bem simplesinha, uma casinha muito pequena. [...] Era conservado (VFM, 2011, p.3-4).



Quanto à organização das salas, predominavam as salas multisseriadas, mas encontramos um depoimento em que a entrevistada se recordou de outra experiência:

[...] na escola Olhos D'Água, era assim, mais organizado, então era as carteiras, cada fila era uma série daqueles alunos: do 1º ano todo mundo junto, se era do 2º ano... Aí depois que aumentou muito as crianças, aí ficou uma turma de manhã e outra à tarde, então, se era o 3º e o 4º de manhã, 1º e 2º à tarde. [...] (FMRP, 2011, p.6).

Um aspecto que chamou muito a nossa atenção foi constatar no depoimento de ex-alunos, assim como no dos professores, a ausência de descrição de uma escola específica, mas, sim, uma referência vaga a escolas nas quais estudaram ou lecionaram. Dessa forma, ao falarem sobre o prédio da escola eles faziam comparações entre duas ou mais escolas que atuaram. Esse aspecto não linear da memória pode ser compreendido a partir da seguinte afirmação de Bosi:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (1987, p.9).

Sobre as *Práticas* relativas à forma como se desenvolvia o ensino na época, o ex-aluno AES assim como os demais, fala das suas experiências com muita riqueza de detalhes.

Para dizer a verdade, eu não encontrei uma professora com a capacidade tão grande quanto à dona [...]. De fazer o aluno entender a proposta e o programa da escola. Ela transmitia muito bem, ensinava muito bem e era muito rígida. Apesar dela ter quebrado régua na minha cabeça, deu-me palmatorada, eu fiquei de joelho no cascalho, mas aprendi. Lá que eu aprendi mais. Foi lá onde eu desenvolvi mais (...) e me alfabetizei, na Escola Municipal da fazenda Boa Vista. O que desenvolvia muito é desenhar o mapa, fazer os mapas, alguma árvore, na época da árvore. [...] Ela passava no quadro e você tinha que copiar tudo. Ditado era um atrás do outro. Todo dia ditado. Todo dia. Usava uma régua, grandona, que ela quebrou e a gente tinha que: A, B, C, D, tinha que decorar tudo, era decorado. Ela passava lá e você tinha que... E a mesma coisa era tabuada. Agora História ela ditava para gente, a História do Município a gente estudava muito (AES, 2011, p. 2, 10-11).

Observamos que, embora tendo recebido castigos, esse aluno não ficou traumatizado, ao contrário, guarda lembranças que foram transferidas para o valor do ensino. Sobre isso ele

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

discorreu ao comparar o ensino rural com o urbano e responder a questão se havia encontrado dificuldades na escola urbana: “não tive dificuldade” (AES, 2011, p.11), e ainda relatou com clareza alguns conteúdos que aprendeu enquanto estudava na zona rural.

A História do Município a gente estudava muito. Estudava muito a História de Uberlândia. A cidade mais antiga, eu aprendi isso tudo foi na escola na roça. No ensino rural eu aprendi muito mais, portanto as Histórias do Município, da cidade mais antiga de Minas Gerais, tudo eu aprendi na zona rural; enquanto que aqui eles nem tocavam nesse assunto. Aprendi muito mais. Os pontos cardeais só estudei na zona rural, aqui eu não estudei. Eu tive uma base muito boa no ensino rural. Eu aprendi as quatro operações: somar, multiplicar, dividir, diminuir. E aprendi a tabuada, meu pai me batendo na cabeça. Porque eu não decorava a tabuada eu custei a aprender, mas depois eu aprendi de tal forma que eu nunca mais esqueci. (AES, 2011, p.11)

Com a escolarização ocorrendo em escolas multisseriadas uma das entrevistadas reconheceu que para aprender seria necessário esforço e atenção por parte do aluno, inclusive essa percepção foi também reconhecida por uma ex-professora. Vejamos o relato da ex-aluna.

[...] as crianças tinha que ser muito atenciosa na sala de aula, porque uma professora só ensinava para todas as crianças, então, se uma criança não tivesse atenção, ela não aprendia. [...] ela partia o quadro no meio, para o 1º ano e o 2º, aí tinha que copiar porque ela ia apagar para passar para o 3º e 4º ano (FMRP, 2011, p.3).

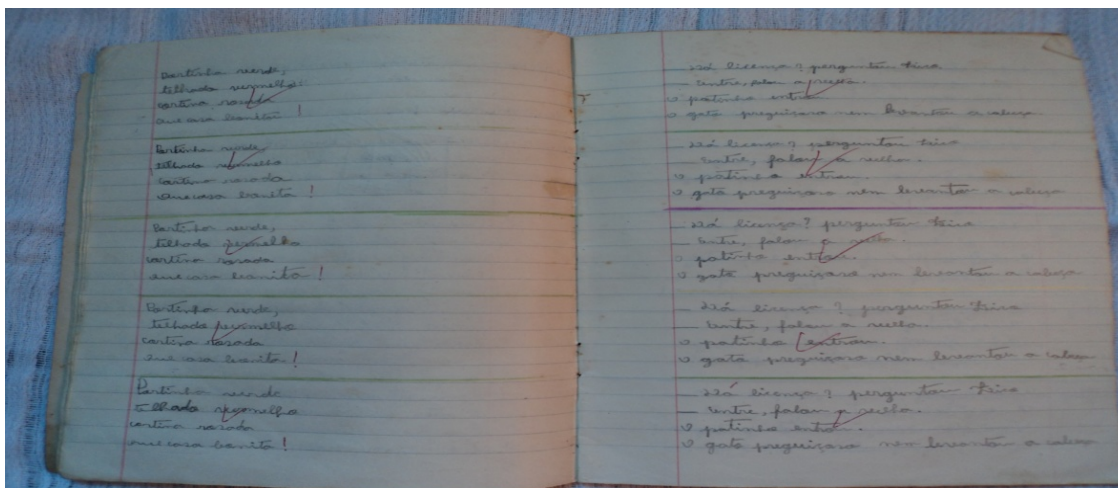
Os alunos informaram que aprendiam a ler, escrever e contar; fazer desenhos e coloridos no caderno, no livro e na cartilha; aprendiam a história do descobrimento do Brasil; estudavam a tabuada; davam a lição e resolviam problemas, e que, inclusive, na época, a matemática se chamava aritmética. A propósito, as únicas dificuldades elencadas com relação ao ensino foram com a Matemática. Os alunos tinham a prática de dar a lição, de tomar tabuada e o professor “Fazia as perguntas para cada um. Tinha que saber” e se não soubesse, “tinha que estudar de novo” (ERC, 2011, p.6). Apesar das dificuldades da pedagogia tradicional, da metodologia e do esforço de aprender na sala multisseriada, a ex-aluna ERC relata uma percepção crítica do ensino referente aos conteúdos de Matemática na época em relação ao ensino de hoje, conforme se verifica.

[...] O que eu vejo a diferença hoje é mais a Matemática. Porque vamos supor eu estudei até a 4ª série, tudo que teve de conta eu sei fazer, sabia fazer. Se você fizer uma conta de dividir com nove números na chave eu sei fazer ela. Multiplicar você, igualzinho que eu faço ela. E hoje por causa da calculadora muita gente não faz. É. Vamos supor a tabuada, muita gente não sabe tabuada. Até hoje eu sei a tabuada (ERC, 2011, p.5).



Embora alguns alunos tenham explicitado encontrar algumas dificuldades com a Matemática, a mesma disciplina foi citada como a que mais gostavam juntamente com Português, História e Desenho. Aspecto que podemos constatar com o depoimento de VFM (2011, p.10) “Desenho eu gostava, [risos]. Que era fácil. Matemática também eu gostava. Matemática era difícil não, Português...”.

Uma imagem que parece relembrar e registrar o predomínio da pedagogia tradicional que prezava a memorização e repetição, e que serve como registro dessas práticas, pode ser exemplificada com a seguinte imagem do caderno. Ao ler o exercício do referido caderno podemos observar que havia nesse período a prática do ditado, e nessa imagem de modo específico observamos que a atividade foi um ditado de texto, o qual resultou na repetição de várias cópias.



**Figura 3.** [Fotografia: Atividade de ex-aluno – ano de 1973, da Escola Municipal Rural José Alves da Silveira – Arquivo Particular cedido pela professora AGCS, em 22/09/2011, Uberlândia - MG]

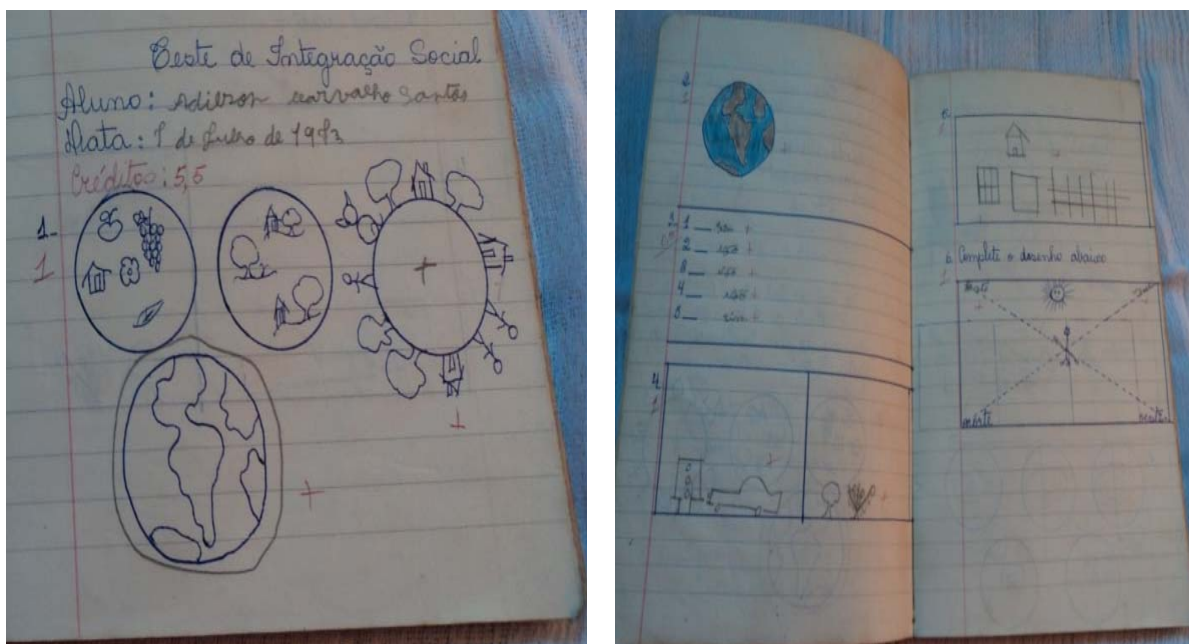
Constatamos com os depoimentos que as disciplinas ou matérias que existiam na época nas escolas rurais eram: Português/Língua Pátria (Comunicação e Expressão), Matemática/Aritmética, História, Geografia, Desenho, Ciências e Estudos Sociais. Mas também constatamos a partir de Souza (2008) que no currículo escolar cada matéria era discriminada pelas suas finalidades e orientação pedagógica. Logo, o mesmo programa de ensino do período republicano perdurou até por volta de 1960. Portanto,

No plano de estudos prevaleceu o mesmo rol de matérias estabelecidas desde o início da república: Leitura, Linguagem Oral e Escrita, Aritmética e Geometria, Geografia, História do Brasil e Instrução Cívica, Ciências Físicas e Naturais, Trabalhos Manuais, Desenho, Caligrafia, Canto e Ginástica (SOUZA, 2008, p.77).

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Assim, a autora afirma que as alterações no currículo escolar aprovadas após meados do século XX incidiram mais na metodologia de ensino que na seleção cultural, mas “reafirmaram as finalidades da escola republicana, ou seja, a formação do cidadão brasileiro e a civilização do povo pela escola (SOUZA, 2008, p.85-86)”. Com efeito, percebemos no caderno reproduzido a seguir, cedido por uma das ex-professoras, que no ano de 1973 havia um conteúdo denominado Integração Social. Contudo, não podemos afirmar que a Integração Social tratava-se de uma disciplina específica.



**Figura 4 e 5.** [Fotografia: Teste de Integração Social de ex-aluno – ano de 1973, da Escola Municipal Rural José Alves da Silveira – Arquivo Particular cedido pela professora AGCS, em 22/09/2011, Uberlândia - MG]

Nesse teste não conseguimos compreender o objetivo a ser alcançado, pois não havia a solicitação explícita do conteúdo a ser compreendido pelo aluno, além disso, devido ao tempo da pesquisa não foi possível verificar com a entrevistada e em pesquisas bibliográficas se o termo “Integração Social” refere-se a uma disciplina, e, se assim foi, a qual disciplina os conteúdos nela explicitado se integram?

Quanto ao comportamento entre alunos, alguns dos nossos depoentes nos informaram que havia algumas brigas dos maiores com os menores. Havia desentendimentos em função do lanche, um querendo tomar do outro, outros por causa do jogo de futebol e outras por algumas “implicâncias”. A maioria dos ex-alunos admitiu que dentro da escola todos eram unidos. Os entrevistados fizeram esse relato em grande parte tomando a si mesmos como referência e em alguns casos citando a ação da professora, conforme verificamos com AES (2011, p.7): “Mas dentro da classe não tinha chance não. A professora não deixava. Eu não

me lembro de briga dentro da classe. Nenhuma! Nem nos [Escola] Olhos D`Água e nem na [Escola] Boa Vista. Eu não me lembro de nenhuma briga”.

Além disso, temos também a contribuição da ex-aluna ao afirmar que: “[...] era muito quieto, não pode ter bagunça. [...] Bater, pois é, neste sentido ai, eu acho que era mais fácil lidar com os meninos daquela época, era mais tranquilo” (SFSA, 2011, p.15). Percebemos que a ex-aluna faz um paralelo entre o comportamento que os alunos tinham na escola na época e os comportamentos demonstrados hoje e, sobretudo, ressalta as diferenças de um e outro. Nesse aspecto constatamos que, conforme analisou Thomson (1997, p. 57), a memória não está cristalizada no passado, mas é uma construção do tempo presente: “a memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado”.

Com relação aos castigos na escola, com exceção de dois alunos (um que não informou nada e outro que não se lembrou), os entrevistados confirmaram que existiam, sim, inclusive afirmaram que na época, professor “tinha autoridade dentro de classe” (DCC, 2011, p.1) e que “não aceitava indisciplina. Se não fez os deveres você ganhava castigo, além de você apanhar em casa por não fazer os deveres” (AES, 2011, p.2). Porém, o que nos chamou a atenção sobre os castigos existentes na época foi à seguinte descrição da ex-aluna (DAC, 2011, p.4):

*Entrevistada:* Eu apanhava na escola. E ficava de castigo. Do professor. De palmatória. Doía, ela chupava a mão da gente. E ficava de castigo em cima de pedra, ajoelhada. (p.3) *Entrevistador:* [...], esse negócio do castigo, todas as professoras aplicavam a palmatória, como que era? *Entrevistada:* Todas. É, era só fazer bagunça. Elas mandavam na mão da gente, aqueles buraquinhos, era cheio de buraquinhos, e aqueles buracos chupava, a mão da gente. Agora a minha irmã, estudou também junto comigo, mas ela, ela escrevia com a mão canhota, ela era canhota, né, aí ela punha pra escrever com a mão direita, ela chegava lá e, punha ela pra escrever com a mão direita, hora que elas saiam, ela virava a mão canhota de novo, e ela não conseguiu. *Entrevistador:* E as professoras implicavam dela mudar a mão? *Entrevistada:* Ela queria, elas queriam que ela escrevesse com a mão direita, mas ela não aprendeu! *Entrevistador:* E elas davam castigo nela também? *Entrevistada:* Dava, ela tinha uma moda também, se o menino estivesse conversando, elas chegava e batia a régua em cima, da carteira, ali os meninos assustavam né, porque eles não estavam esperando.

O depoimento da ex-aluna nos convida a pensar que a ordem era mantida pela força e coerção, talvez tenha sido essa a forma ou estratégia utilizada por professores e pais para com

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

os alunos e filhos buscando garantir a disciplina na escola para, quem sabe, auferir alguns benefícios com o ensino. Outra ex-aluna lembrou-se da prática de uma professora que fazia uso de castigos e apresentou uma comparação entre as crianças do período em que estudou e as de hoje:

Punha milho, punha de joelho. Isso eu recordo. Mas não era muito assim não. Os meninos de primeiro, antigamente, eles eram mais obedientes, não é igual hoje, se falasse assim você fica ai de joelho, eles ficavam. Agora, hoje se zangar, não pode chamar a atenção (ERC, 2011, p.6).

Quando questionamos sobre a existência de provas ou testes e como eram aplicados, apenas um ex-aluno nos informou que as avaliações recebiam o nome de teste e foi o único a informar que esse procedimento ocorria também de forma oral.

Quando eu passei para o 2º ano era tudo prova oral. Tinha que responder decorava e tinha que responder. Na época o diretor das escolas era o Angelino Pavan. Era uma banca para fazer prova nos alunos, ver a capacidade, se eles desenvolveram ou não. Não falava prova. Testes. Todo mês tinha um teste. Ia acumulando as notas. E para acumular as notas ia fazendo, tipo uma mini- prova, mas eles falavam teste. Que eram as provas (AES, 2011, p.4).

Os demais ex-alunos confirmaram a existência e realização das provas, inclusive uma ex-aluna nos informou que não tinha condições de estudar porque trabalhava, outros falaram da tensão e expectativa desse momento, principalmente quando a prova não era aplicada pela professora e feita em papel almaço e escrita a mão, mas aplicada pelo inspetor conforme a descrição a seguir:

Prova, eu me lembro de fazer prova, lembro-me do inspetor ir à escola. [...] ia alguém na escola aplicar prova na escola. Eu me lembro de como tinha uma mulher também, como ela chamava? Delícia! É... Delícia Arantes, filha do Jerônimo Arantes, é isso mesmo. É a banca dos examinadores, isso mesmo. Fazia, fazia, mas parece que era prova assim, só pra treinar, alguma coisa com a professora. Então na época de prova eles que iam para aplicar prova (...) (SFSA, 2011, p.10).

A respeito da existência ou não de reprovação resultante da aplicação de provas, apenas uma entrevistada afirmou a existência de reprovação na escola rural, contudo a mesma disse sentir-se segura, pois a professora era a sua própria tia, conforme se verifica no fragmento:

*Entrevistador:* E muita gente bombava? Repetia o ano? *Entrevistada:* Repetia. Chorava aquelas coisas, coisa de criança, chorava. *Entrevistador:* E você tinha medo desse momento da prova? *Entrevistada:* Ah... Eu acho que eu era bem segura, parece que eu não tinha medo não, a professora era tia

[...] Era a tia, assim, a gente ficava bem segura mesmo. Eu, minha irmã, meu irmão (SFSA, 2011, p.10).

Outra aluna recordou-se que as provas eram aplicadas pelos inspetores de ensino e também se lembrou da prática da cola naqueles momentos:

Prova do final do ano vinha, parece que eles falavam inspetora daqui. [...] Ficava tudo meio assim. Ficava aquela mulher lá diferente olhando. Às vezes que colava eram nas provas. Alguma coisa. Mas não era de colar muito assim também não. Porque se o professor visse, zangava mesmo. (ERC, 2011, p.6,10)

Constatamos que os resultados das avaliações eram denominados créditos, conforme se observa na figura 4 citada anteriormente, mas pelos cadernos cedidos nas entrevistas observamos que em alguns momentos foram também referidos como “pontos” e “conceitos”; além da utilização da caneta na cor vermelha para pontuar os “erros” e notificar a pontuação adquirida.

Referente às “tarefas para casa”, a maioria dos ex-alunos informou que havia exercícios e que fazia cópias do que a professora colocava no quadro e, algumas vezes, a própria professora escrevia o enunciado no caderno. VFM (2011, p.7) completou a afirmação ao relatar que: “Dava [tarefa de casa]. Tinha que estudar a tabuada, [risos], estudava para as provas”. A ex-aluna ERC afirmou que as tarefas escolares para casa eram realizadas sozinhas.

Sobre a *Cultura Material*, ao questionarmos se havia livros na escola, todos os depoentes confirmaram a existência destes e dois deles informaram que os livros eram comprados, informações que se constata com o relato de AES (2011, p.10) “Eram os pais. A gente tinha livro de: História, Português e Matemática. Geografia a gente tinha livro, mas copiava mais”. Além destes livros existia também o livro de Ciências e as cartilhas. Referente à cartilha constatamos em um dos relatos que “o 1º ano não usava quadro não, era só na cartilha mesmo” (DCC, 2011, p.5). A ex-aluna SFSA recordou-se de sua aprendizagem com os recursos didáticos utilizados na época.

[...] eu me lembro da leitura, quando eu estava sendo alfabetizada, é: vovó viu, assim... [...] cartilha! Era cartilha. Era cartilha mesmo, que eu me lembro de ver as sílabas, assim, de ligar as sílabas. Era cartilha sim, depois mais na frente, já tinha livro sim, porque eu me lembro das histórias também, quando a gente estava aprendendo,[...] tinha um livrinho que falava assim: “quantos dentes tem tu Arthur?” (SFSA, 2011, p.2-3).

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Além das memórias dessa ex-aluna, pelos demais depoimentos concluímos que, segundo recordam hoje os entrevistados, a escola era velha, porém conservada e que existia o seguinte mobiliário: quadro grande, algumas vezes até dois quadros; mesa e cadeira para o professor; carteiras de madeira e pés de ferro com dois assentos e algumas vezes sentavam até quatro pessoas e uma estante velha. Havia também alguns cartazes, letras, números e desenhos colocados nas paredes, porém tudo era muito simples. Um exemplo desses recursos constatou-se com o seguinte depoimento:

Tinha a professora que ficava lá na mesa. E as carteiras lá eram aquelas pequenas assim. Cabiam só duas pessoas, era só isso mesmo, só a carteira com os bancos e a professora na mesa, só isso que tinha lá. Tinha quadro. Grande. Isso eu lembro, bem grande assim. Filtro não tinha. [...] Tinha um rego, tinha um rego que corria assim, a gente tomava água era lá. Agora esse negócio de banheiro eu não recordo. [...] Mas deve que tinha alguma coisa (ERC, 2011, p. 2- 3).

Observamos com esse depoimento e outras contribuições das entrevistas que, além de tudo ser muito simples na escola rural, havia também uma ausência de infraestrutura e de saneamento básico mínimo a ser oferecido aos alunos e professores. Exemplo da falta de estrutura encontra-se no seguinte depoimento: “as carteiras eram aquelas emendadas uma nas outras. É que sentava de dois. É sentava, às vezes sentava até quatro. Elas eram longas” (AES, 2011, p.9-10). Além disso, ainda havia falta de banheiros e filtro em algumas escolas.

Os alunos levavam os materiais escolares dentro de uma espécie de bolsa rústica, conforme se verifica com o relato DAC (2011, p.7) “E a gente levava em um embornal. Não era pasta não, era embornal. [...] Era de... de saco... de sacos de açúcar”. Constatamos que estes materiais eram reduzidos e pouco diversificados se comparado com os existentes hoje, conforme este relato: “[...] Na época, o pessoal comprava o que podia, não tinha o que tem hoje. Era como se diz caderno, lápis, borracha, uma caixinha de lápis de cor, a régua e os livros que pedia, geralmente era assim. Era, (...) todo mundo tinha pouco” (FMRP, 2011, p. 8-9).

Com o depoimento da ex-aluna observamos que além da pouca variedade na oferta dos materiais escolares existentes na época havia também um poder aquisitivo mínimo para adquiri-los, requerendo algumas vezes a sensibilidade do partilhar do outro, conforme se observa no relato de FMRP (2011, p.9) “Muita das vezes aqueles que podiam dava um caderninho para aquele que não tinha, geralmente repartia”.

Referente aos uniformes escolares constatou-se com o depoimento de três ex-alunos que houve um período que tinha o uniforme e que era de uso obrigatório, e que estes, os livros



e materiais escolares eram comprados pelos pais sem nenhuma ajuda da prefeitura, por isso nem todos conseguiam comprar, conforme relato:

Tinha época que tinha, tinha época que não. [...] Era saia azul, camiseta branca e boina azul, e tinha que ir... Os meninos, os homens era calça azul, camiseta branca e um bonezinho. Mas aí depois parou... Depois não teve isso mais não. Porque acho que deve ter alguém deve ter reclamado, porque muita gente não tinha condição de ter. Não era todo mundo... (DCC, 2011, p. 8-9).

As figura 1 e 2 reproduzidas nesse texto contribuem para registro e observação de como eram os uniformes utilizados na época: saia escura (azul/preta) com camiseta branca para as meninas, e para os meninos calça ou bermuda escura (azul/preta) com camisa branca e alguns usavam um chapéu semelhante ao de escoteiro. Algumas calças, bermudas e saias tinham um tipo de alça e todos calçavam um sapato fechado azul/preto com meias brancas.

A propósito dos *Relacionamentos*, três dos ex-alunos entrevistados nos informaram que as professoras, assim como os pais, eram muito respeitadas e valorizadas, inclusive essas professoras moravam nas casas dos ex-alunos, conforme relato de AES (2011, p.5): “Era muito respeitado. Inclusive ela morava nas próprias fazendas”. Para ser professor na zona rural na década de 1950 a 1979 não precisaria ser formado, bastava apenas saber ler e escrever conforme se constata com este relato: “Valorizava. Porque as professoras de antigamente não precisam estudar. Elas sabiam ler e fazer, mas todo mundo respeitava o professor. Todos” (ERC, 2011, p. 9-10).

Todos os ex-alunos confirmaram que o relacionamento aluno/professor era de muito respeito e que a professora era tratada por “senhora” e “dona”, conforme relato a seguir: “[...] Mas as crianças tinham muita obediência na professora, era muita, a gente falava das professoras, era senhora. Era, era dona fulana, [...]” (FMRP, 2011, p.6). Porém, eles também confirmaram que elas eram bravas:

Era muito boa, de muito respeito, não acontecia essa baderna que acontece hoje não. Os alunos mandam na classe ou mandam na professora, ou não respeita a professora. Naquela época era uma ligação de muito respeito, era uma intimidade, assim, tinha intimidade da gente brincar, de qualquer coisa, mas tinha muito respeito e respeitava-a. E se não respeitasse ia para o castigo (AES, 2011, p.5).

Com os depoimentos constatamos que os ex-alunos tinham tratamento respeitoso entre si, mas algumas vezes ocorriam algumas impicâncias devido o fato de anotarem o nome do

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

outro no quadro em sala de aula: “E eu que era calada. [...] É, mas não que eu fazia bagunça, é que eles punham meu nome e eu não falava nada, aí, aí ficava de castigo” (DAC, 2011, p.3). Havia momentos em que disputavam o lanche no horário do recreio: “Tinha hora que era uma brigaiada por causa de lanche, um querendo tomar um do outro DCC (2011, p.6)”. Outras vezes o motivo da confusão era a bola ou o jogo de futebol: “A gente jogava bola lá, mas eu não briguei, nunca briguei na minha escola com ninguém de tapa, às vezes a gente até discutia, mas nunca briguei. Nunca dei um tapa assim em outra pessoa” (AES, 2011, p.7). Houve relatos também de perseguição, tal como este em que um aluno montado em seu cavalo perseguia outras crianças: “inclusive tinha até um aluno, que eu não gostava, eu já saía, quando eu saía da escola, eu já saía para o meio do mato, porque se fosse na estrada, ele mandava em cima da gente de cavalo” (DAC, 2011, p.10). Passados os anos, hoje os ex-alunos tomam essas atitudes como brincadeiras e dizem que logo tudo ficava tranquilo. Um pouco desse procedimento observamos com este relato:

... Todo mundo respeitava o outro. [...] Não. Todos lá gostavam um do outro, tinha nada não. Todos eram muito amigos, muito mesmo. Tinha esse negócio assim um com raiva do outro, não tinha isso. Todo mundo era unido. Não tinha implicação, não tinha briga não. [...] A gente brigava, não vou falar que não brigava, às vezes discutia, mas logo aquilo passava. Não. Num instantinho também não ficava de mal. Era tranquilo lá com [...] os alunos. Tudo era muito tranquilo (ERC, 2011, p.7-8; 10-11)

Relativamente à *Sociabilidade*, a hora do recreio era um momento muito esperado pelas crianças conforme se verifica com o relato de ERC (2011, p.4,9): “Ficávamos doidinho para dar o recreio para brincarmos. Todo mundo. E era uma turma boa. E de pique esconde não me recordo, era mais queimada mesmo, que era a bola, que era mais que o povo lá gostava”. Essa entrevistada prosseguiu na descrição:

Queimada a gente brincava demais. Aquilo lá era o que eu mais adorava... Queimada é aquela da bola que você, faz um, por exemplo, fica uma turma de cá e uma turma de lá, você fica pegando a bola e mandando quem acertar tem que sair. E aquele que ficar... É carimbada mesmo (ERC, 2011, p.4).

A bola foi o brinquedo mais citado pelos entrevistados nas brincadeiras desenvolvidas na época, mas a brincadeira de roda também foi citada e encontra-se registrada na seguinte fotografia cedida por uma ex-professora.





**Figura 6.** [Fotografia: Escola Municipal Rural Usina dos Martins, tirada por Heitor- Acervo Particular cedido por ARS].

Observamos na imagem que só as meninas participavam da brincadeira, embora a ex-aluna SFSA tenha afirmado que meninos e meninas brincavam juntos. Também brincavam de passar anel, nadar no seco conforme relato de SFSA (2011, p.9) “Brincar de nadar no seco sabe? Dava a mão e íamos jogando os meninos e passando para frente.”

O lanche era levado pelas próprias crianças “A gente levava. Sempre era fruta, porque tinha fruta no quintal: jabuticaba, manga, laranja...” (VFM, 2011, p.10). Porém nem todas as crianças tinham condições, e alguns nem levavam, e quando levava era “[...] Nós não tínhamos. Porque meu pai era pobre, mais a minha mãe, então não tinha, quando a gente levava, era um cumezinho quente, pra comer na hora do recreio” (DAC, 2011, p.5). Mas ainda assim, tinha aqueles alunos que sensibilizavam com a necessidade do outro e compartilhavam o lanche, conforme se observa no seguinte relato:

[...] a gente, cada pessoa que levava um pouquinho, repartia para aquela criança que não tinha levado merenda, qualquer coisa que levava, então repartia, então a mamãe sempre, a gente cresceu assim, da gente não tomando lanche e vendo aquela criança que não tinha para levar, a gente repartia, [...] Então hoje as escolas é uma coisa muito boa, o conforto para as crianças, porque tantas escolas que dão merenda, e na época, como eu falei, não tinham. [...] (FMRP, 2011, p. 5, 8).

Os ex-alunos nos informaram que fora do período de aula ou nas férias eles faziam algumas tarefas domésticas, mas brincavam muito, inclusive SFSA (2011, p.9) informou que: “Eu me lembro do meu pai fazer brinquedo para gente”. Já DAC informou que nas férias “Nós brincávamos de roda, nós brincávamos de esconde. Nós fazíamos, sabe o quê, que nós fazíamos, nós íamos na roça do meu pai, época de milho e quebrava aqueles, aquelas bonecas de milho, de cabelo comprido” (2011, p. 16,24).

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

Constatamos com os depoimentos que em algumas escolas rurais as professoras procuravam dinamizar o ensino com algumas festas de datas comemorativas como: “a gente dançava quadrilha” (VFM, 2011, p.13). Com visitas de uma escola a outra, e nesses encontros “eles cantava né, fazia poesia, esses trem assim, falava a poesia quer dizer, essas coisas, aí nós ia brincar” (DAC, 2011, p.17). Professores e alunos realizavam competições, exposições conforme se constata no seguinte relato:

Só lá nos Olhos D’Água que tinha mais brincadeira. É tinha na época das festividades, fazia gincana, corrida de saco, a gente entrava no saco lá, fazia corrida de saco de um gol no outro, muitas brincadeiras, tinha muitas brincadeiras. A escola Olhos D’Água tinha assim mais participação, eles fretavam caminhão para nos levar nas exposições na época. Nós fomos à exposição, nós íamos à exposição em Araguari, quando era época de exposição, aqui em Uberlândia eles traziam a gente para fazer essas visitas. É... Às vezes tinha festa lá na Tenda dos Morenos, eles levavam a gente. Então a gente tinha participação. Na Boa Vista a brincadeira era mesmo na porta, lá não tinha essa chance (AES, 2011, p.9).

Enfim, além das festividades e visitas que eram intermediadas por algumas ex-professoras em determinadas escolas rurais, constituindo em motivações para os ex-alunos, também eram realizados alguns teatros envolvendo a participação de crianças e dos pais que auxiliavam na construção do palco e ornamentação.

No que diz respeito aos *Significados da escola*, a brincadeira foi citada pela maioria dos ex-alunos como sendo o que mais gostavam na escola, mas SFSA relatou que: “Era de estar junto com a turma mesmo. Da meninada. Era a meninada. É... Mais eu gostava de escrever, eu gostava de fazer conta, gostava mesmo” (2011, p. 9-10). Constatamos que embora os alunos tenham dito gostar de estudar de fazer desenho, o recreio era a ocasião mais esperada por todos, pois o lanche e as brincadeiras eram momentos de satisfação para a maioria dos ex-alunos, conforme se observa com o relato de FMRP (2011, p.5) “[...] eu amava fazer Desenho [...] e era muito gostoso na hora do recreio [...] era muito gostoso que a gente brincava de roda”. Constatamos que o significado da escola foi semelhante para a maioria dos ex-alunos entrevistados.

A ausência de oferta da escolaridade em nível ginásial (atual segundo ciclo do Ensino Fundamental), a dificuldade de vir para cidade e a necessidade de ajudar os pais desde cedo com o trabalho foram fatores que contribuíram para a pouca escolarização dos ex-alunos. Portanto, a perspectiva de ter filhos escolarizados foi concretizada por poucos, conforme se observa neste relato:

Meu pai tinha muita vontade da gente estudar, sabe, estudar muito, ele falava que tinha que estudar porque não queria que a gente criasse na roça igual

eles não, trabalhando só na roça, porque eles trabalharam muito, a vida toda, assim, de moço, casou lá na roça, tiveram os filhos, eles diziam que era muito difícil, tinha muita dificuldade, queria que a gente estudasse e mudasse para a cidade. [...] Queria que fosse estudar na cidade, para ter outra profissão, que não fosse sofrendores iguais a eles (SFSA, 2011, p.7).

Observamos que as dificuldades anteriormente mencionadas, assim como o fato de o trabalho agrícola prescindir de estudos, corroboraram para uma visão estreita dos pais quanto à importância da escolarização, conforme se verifica neste relato:

Os pais não viam a escola importante. Eles achavam que se aprendesse a ler já estava ótimo. Não é igual hoje né. Tanto fazia. Tinha muito isso não, de pegar no pé não. E de primeiro também não precisava pegar no pé. O povo ia tranquilo, todo mundo estudava pouco, para você ver, 1ª a 4ª série. Só quatro anos. Muito pouco. E poucos vinham para cá, muito pouco. Mais era só aquilo lá mesmo (ERC, 2011, p.7- 8).

Sobre as iniciativas em se abrir as escolas nas fazendas, constatamos com o depoimento de dois ex-alunos que a existência da escola rural adveio do interesse dos pequenos proprietários em atender a necessidade de escolarização mínima da população rural. Assim, só depois de algum tempo a escola funcionou com o pequeno auxílio da prefeitura, conforme se verifica com o relato de DCC (2011, p.9).

Nem a escola quando foi... Não foi a Prefeitura que fez. Foi meu avô e mais outros... Os pais de alunos... Quando fez a primeira escola. Ai depois que eles foram ampliar a escola para ter 8ª série aqui, que mudou lá pra onde ela é hoje, ai já a Prefeitura que já tomou que já fez.

Observamos com o relato anterior que a escola hoje já avançou um pouco mais quanto ao seu atendimento, mas ainda funciona oferecendo minimamente o que é instituído como obrigatoriedade, uma vez que as políticas públicas do Brasil priorizaram o ensino fundamental na maioria das escolas brasileiras (LOPES, 2008; ROMANELLI, 1986). Embora entendamos que a citação de DCC refere-se à Escola Municipal de Olhos D'Água, ainda assim, pela realidade encontrada na pesquisa, sabemos que a situação dessa escola é semelhante às demais escolas existentes no meio rural.

Sendo as escolas rurais responsabilidade do poder municipal constatamos que o seu funcionamento sofria as interferências das disputas políticas. O seguinte relato de FMRP

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FACED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

(2011, p.7) demonstra essa situação ao ressaltar um fato ocorrido por volta dos anos de 1960, 1962:

[...] nesta época a prefeitura estava mais organizada, que fazia os pagamentos para as para professoras direitinho, porque quando era no começo, a prefeitura não fazia pagamento e muita vez era os próprios pais dos alunos que tinham que fazer o pagamento. Olha! Porque teve uma época que o papai ficou pagando, mas assim, às vezes, muitos pais de aluno não tinham condição se fosse para ajudar a pagar, então era muitas crianças, mas para todo mundo era muito difícil, o trabalho, a vida. Assim, tinha que ir à prefeitura, ai meu pai ia lá, conversava (FMRP, 2011, p.7).

Em síntese, os ex-alunos construíram os significados para a escola em meio às dificuldades deles e dos professores (longas distâncias da casa para escola, da falta de banheiro, de filtro, carteiras, uniformes e materiais escolares) para alcançarem os seus objetivos. Nessa trajetória ficou como positivo para todos os entrevistados a lembrança e o reconhecimento do saber adquirido e do esforço de cada um para alcançá-lo, das amizades, festas, brincadeiras no trajeto para escola e dos primeiros namoros.

Os significados atribuídos à escola rural pelos seus antigos alunos são decorrentes tanto de lembranças de momentos difíceis – tais como: as dificuldades para ir à escola, a falta de materiais e de recursos financeiros mínimos para estudarem, o ensino em casas de ex-alunos –, quanto das boas lembranças relacionadas aos laços afetivos estabelecidos – muitos conservados até hoje, às brincadeiras no caminho de ida e volta da escola, às lições aprendidas com o ensino. Enfim, das memórias que foram construídas e reconstruídas no decorrer do tempo e que uma vez verbalizadas possibilitaram aos seus “criadores” um “encontro” com o passado recriado e, aos pesquisadores, a escrita de mais um capítulo do ensino rural no município de Uberlândia.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa foi imprescindível para a compreensão de parte da história da educação em Uberlândia<sup>3</sup>, pois com a metodologia de história oral conseguimos que os depoentes

---

<sup>3</sup> Os aspectos pontuados nessa pesquisa são decorrentes do interesse de pesquisar um aspecto relevante da história da educação: a história do ensino rural no município de Uberlândia, mas isso só foi possível pelo fato de a FAPEMIG ter concedido a bolsa de Iniciação de Científica. Portanto, somos gratas a essa Agência por ter nos proporcionado essa enriquecedora experiência que, desde já, não consideramos como conclusiva, mas passível de posteriores investigações, uma vez que a história é uma construção e reconstrução do tempo passado no tempo presente. Além disso, a pesquisa não se esgota aqui, porque as transformações que ocorrem no processo de escolarização, nas suas práticas, tendências e reformas são constantes. Por esses e outros motivos consideramos o financiamento de pesquisas uma proposta dinâmica e viável para buscar e fundamentar indícios, histórias, memórias e lembranças que fazem história.

compartilhassem a suas memórias sobre a escola e o ensino rural no município de Uberlândia nas décadas de 1950 a 1979. Nesse sentido, a memória dos ex-alunos foi relevante para ampliar os dados obtidos em pesquisas anteriores realizadas em documentos impressos.

A organização dos dados, assim como a sua análise em sete categorias, a saber, *perfil dos alunos* da escola rural, a caracterização do *tempo e espaços escolares*, as *práticas, cultura material, relacionamento, sociabilidade e significados da escola* construídos e reconstruídos por meio das memórias de ex-alunos, contribuiu para compreendermos que os obstáculos existentes para o funcionamento adequado da escola rural ocorriam lado a lado com o esforço de alunos e professores para garantia de uma escolarização mínima.

Enfim, com as entrevistas foi possível apreendermos as memórias de alguns dos alunos que frequentaram a escola rural no município de Uberlândia nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Essas se caracterizaram por reconstruir o processo de escolarização a partir do desafio; das comparações com a escola atual; dos resultados alcançados; dos desejos de continuidade dos estudos, impedido, no entanto, pela ausência de escolas na zona rural e das saudades e marcas acumuladas pela as experiências e a partir das quais constroem as suas memórias. Nesse percurso, a história do vivido se mistura com as transformações que ocorreram no ensino em todo o percurso de suas vidas. Porém, um processo que não se encerra aí, o que requer, em momentos posteriores, a realização de outras pesquisas para evidenciar, por exemplo, o processo de nucleação realizado no ensino rural na década de oitenta e as transformações daí advindas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. (2008). Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, p. 155-202.

ARAÚJO, Caroline A.; LIMA, S. C. F. de (2011). História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950 A 1979): os sujeitos e suas práticas. **Horizonte Científico**. V. 5, n. 2, p. 1-30. Acesso 26/01/2012. Disponível:

(<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/12181/7775>).

BARROS, A. M. de (2005). Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas ao olhar. In: GATTI JÚNIOR, D. & INÁCIO FILHO, G. (Org.). **História da Educação em**

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.

**perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas – SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, p. 117-132.

BOSI, Eclea (1987). **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo.

BURKE, Peter (2004). **Testemunha ocular:** história e imagem. Tradução: SANTOS, V. M..a X.;. Bauru, São Paulo: EDUSC.

GVIRTZ, S.; LARRONDO, M. (2008). Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana C. V. (Org.). **Cadernos à vista:** escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: UERJ, p. 35-45.

HALBWACHS, Maurice (2006). **Memória coletiva.** São Paulo: Centauro.

LIMA, Sandra C.F. de (2009). Historia das escolas rurais em Uberlândia (1933 a 1959). PÉREZ, T.G.; PÉREZ, O.L. (Org.). **Educación rural en Iberoamerica.** Experiencia histórica y construcción de sentido. Madrid, España: Anroart Ediciones, p. 153-182.

LIMA, Sandra C.F. de (2008). História e memória das professoras das escolas rurais em Uberlândia, MG. **El Pajar.** Cuaderno de etnografía canária. Tenerife. Islas Canarias. V. 25, p. 195-200.

LIMA, S.C.F. de (2006). As fotografias como fonte para a História das Escolas Rurais em Uberlândia (1933-1959). **Cadernos de História da Educação:** EDUFU, v. 5, p.55- 69, Jan/Dez.

LOPES, Isa C. da R. (2008) Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção. In: MIGNOT, A.C.V. (Org.). **Cadernos à vista:** escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: UERJ, p. 187-203.

PAIVA, Eduardo F. (2004). **História & imagens.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.

PINSKY, C.B. (Org.) **Fontes históricas.** 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, v.2 n. 3. 1989, p. 3-15.

PORTELLI, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História.** São Paulo, n. 15, p. 1-49, abr.

ROMANELLI, O.O. de (1986). **História da Educação no Brasil.** 8 ed. Petrópolis: Vozes.

SOUZA, R.F. de (2008). **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez.

SOUZA, R.F. de (2007). História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M.L.A. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, p. 163-189.

THOMSON, A. (1997). Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr.

### **FONTES ORAIS**

AES: depoimento [Julho, 2011]. Entrevistadora: Danielle Angélica de Assis. Uberlândia, 2011 (34min e 07seg e 16min e 23seg).

DAC: depoimento [Maio, 2011]. Entrevistadoras: Caroline Abreu Araújo, Danielle Angélica de Assis e Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2011 (55min e 08seg).

DCC: depoimento [Maio, 2011]. Entrevistadoras: Caroline Abreu Araújo e Danielle Angélica de Assis. Uberlândia, 2011 (30min e 08seg).

ERC: depoimento [Julho, 2011]. Entrevistadoras: Caroline Abreu Araújo, Danielle Angélica de Assis e Silvana de Jesus Gonçalves. Uberlândia, 2011 (23min e 50seg).

FMRP: depoimento [Abril, 2011]. Entrevistadora: Danielle Angélica de Assis. Uberlândia, 2011 (30min e 55seg).

SFSA: depoimento [Maio, 2011]. Entrevistadoras: Caroline Abreu Araújo, Danielle Angélica de Assis e Sandra Cristina Fagundes de Lima. Uberlândia, 2011 (37min e 30seg).

VFM: depoimento [Junho, 2011]. Entrevistadoras: Danielle Angélica de Assis e Silvana de Jesus Gonçalves. Uberlândia, 2011 (24min e 54seg).

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia – FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [silvanajg@hotmail.com](mailto:silvanajg@hotmail.com) - Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG/UFU).

<sup>2</sup> Dra. em História, professora FAGED/UFU, Campos Santa Mônica, Av. João Naves de Ávila, 2121, CEP38400-902. E-mail: [sandralimaufu@gmail.com](mailto:sandralimaufu@gmail.com) - coordenadora do projeto financiado pela FAPEMIG e cadastrado sob o n. HUM 048, vigência 2010/2011.